

## Sertanista defende posse da terra para a paz dos índios

Goiania — O sertanista Acari Passos de Oliveira, diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, declarou que somente através da posse da terra o índio estará disposto a um convívio pacífico com a civilização. Frisou, a propósito, que frequentemente os índios são expulsos pelos colonos ou combatidos sistematicamente pelos *gateiros*, *mateiros* e meros exploradores.

— Enquanto o índio não tiver suas terras, detendo a sua posse na faixa em que pratica a caça, a pesca, a cata de frutos silvestres e as suas plantações, haverá dificuldades no relacionamento entre ele e o branco — afirma o professor Acari, que já participou de várias missões de aproximação e de pacificação.

Para a antropóloga Mari Baiochi, da Universidade Católica de Goiás, há hoje uma necessidade sempre maior de ampliação do relacionamento entre o branco e o índio. Explica que o índio não cria problemas, mas sim o branco, razão por que, a seu ver, é necessária a ajustagem do paternalismo: "Se for necessária a ajuda ao índio, que esta seja dada de modo a ensiná-lo a subsistir, participando também de nossa técnica".

A antropóloga entende que não há possibilidade de mudança brusca na maneira de viver do índio. Com esse ponto-de-vista concorda o professor Acari Passos de Oliveira, para quem "a integração terá que ser vagarosa, com ensinamentos objetivos e sobretudo com exemplos".

## Falta de pessoal prejudica Funai

"Os resultados negativos das missões da Funai nos contatos com os índios são provenientes da falta de preparo de alguns elementos que a compõem, tendo em vista que essas pessoas procuram, através do cargo de sertanista, uma *tábua de salvação* para sua situação financeira ou emocional, o que resulta em um fracasso total do principal objetivo que deveria levá-lo para as selvas".

A opinião é do sertanista Gilberto Gama, ex-funcionário do antigo Serviço de Proteção aos Índios, que desde os 22 anos de idade mantém contato com indígenas da Amazônia. Para ele, o mais importante não é fazer com que o índio aceite o convívio com os brancos, mas sim a tarefa de dar-lhes meios de conseguir sobreviver no novo habitat.

### SEM RECURSOS

O sertanista admite que a Funai não dispõe de número suficiente de homens especializados para a tarefa de atração e pacificação dos índios e carece também de recursos financeiros.

Em 1959, quando Gilberto Gama ainda era do SPI, viviam à custa daquele órgão 14 mil indígenas já pacificados, que habitavam aldeias protegidas por funcionários daquele Serviço.

Atualmente, segundo ele, existem no Brasil cerca de 130 mil índios sem nenhum contato com a civilização, localizados no Acre, Rondônia, Norte de Mato Grosso, Sul do Amazonas, Sul do Pará e nos territórios amazônicos fronteiriços com as Guianas, Venezuela e Colômbia.

Ele considera que a Funai deveria ser um dos órgãos do Governo com maior apoio financeiro e pessoal, pois "a abertura de inúmeras estradas na região amazônica impõe que se dê maiores recursos para resolver o problema do índio, para que não continuem a existir situações dolorosas de chacinas, como a ocorrida recentemente com os *waimiris-atroaris*, que assassinaram o sertanista Gilberto Pinto.

Diz o sertanista que a maioria dos indicados pela Funai para a tarefa de atração e pacificação dos índios são pessoas desempregadas, cheias de problemas materiais e emocionais, que vêm na função de sertanista uma esperança de salvar sua situação. "Como isso não ocorre, diz ele, pois o trabalho na selva é uma verdadeira guerra, e como, também, o salário do sertanista é muito baixo, o resultado é esse que se vê".

Na sua opinião, vários itens deveriam ser exigidos pela Funai para a aprovação de um candidato ao cargo de sertanista. Entre essas exigências enumera: 1) uma triagem do candidato, quando deveria ser exigido um *curriculum vitae*; 2) teste psicotécnico; 3) uma boa remuneração; 4) estágio em uma aldeia, sob a orientação de funcio-

nários mais antigos da Funai, quando o candidato teria oportunidade de conhecer de perto os problemas que terá de enfrentar ao assumir a função. Durante esse estágio o candidato aprenderia como dirigir um grupo nos contatos, como liderar e adquirir poder de decisão no trabalho de pacificação.

— Antes de tudo isso — diz Gilberto Gama — é preciso que o candidato goste do índio e tenha consciência de que ser sertanista é antes de tudo um ideal, e não um meio de ganhar a vida.

Um curso preparatório — com noções de Antropologia, dialetos e outros ensinamentos que ofereçam ao futuro sertanista meios de poder transmitir ao índio uma formação básica de adaptação ao seu modo de vida — também é, em sua opinião, uma maneira de fazer com que o candidato, ao assumir sua função, obtenha bons resultados em seu trabalho.

É indispensável, afirma ele, que o sertanista, após conseguir formar a aldeia, transmita ao indígena ensinamentos básicos de sobrevivência, tais como a preservação da ecologia, agricultura, instrução, higiene e cuidados com a saúde. "Não adianta, acrescentou, atrair o índio, mostrar-lhe como vivemos, e depois o abandonarmos. Isso resultaria em um extermínio da raça, pois o índio, ao deixar a selva, onde consegue a caça para se alimentar e sobreviver, se não for orientado devidamente, fica completamente sem saber o que fazer, perambulando com sua família de um lado para outro. E acaba morrendo".

### PACIFICAÇÃO

O índio, diz Gilberto Gama, não tem analista. Não podemos traumatizá-lo. Precisamos saber pacificá-lo de forma que ele sinta que o branco, apesar de ter meios de luta avançados, como armas de fogo, não as usa contra ele.

Conta o sertanista que, durante seu trabalho na selva amazônica, procurava uma tribo e, após fazer o contato com o chefe do grupo, convidava três ou quatro para fazer uma visita a uma cidade.

— Ao chegarmos à cidade, levávamos os índios a um quartel do Exército, onde éramos recebidos com bandas de música, almoço, presentes e demonstrações de tiro. Ao conhecerem o armamento, voltavam para suas aldeias convencidos de que, apesar de dispormos de potentes armas de fogo, não as usávamos contra eles. Isso dava ao índio um sentimento de confiança com relação ao branco, o que era bastante positivo para nosso trabalho.

Esse método, explicou, era o mesmo filho Apoena Meireles seguirá em sua missão junto aos *waimiris-atroaris* os ensinamentos de seu pai. Por isso, considero a indicação de Apoena a mais acertada para a pacificação daquela tribo".